

O ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO E CONSTRUÇÃO DE SABERES
DOCENTES NA FORMAÇÃO INICIAL DO PROFESSOR
DE HISTÓRIA: EXPERIÊNCIAS DIDÁTICAS E REFLEXÕES
SOBRE A PRÁTICA

CARVALHO, Silvana Maura Batista de¹
scarvalho@uepg.br

Os cursos de licenciatura tem por objetivo formar professores para a educação básica e, por isso necessitam de constante atualização, tendo em vista que o público escolar junto ao qual atuarão e que possui características próprias da realidade social atual. Essa é marcada por rápidas mudanças sociais, econômicas e culturais, significativos avanços científicos e tecnológicos num ritmo cada vez mais acelerado. Nesse contexto, surgem novas demandas sociais e educacionais para atender as novas gerações, marcadas pelos valores pós-modernos como o hedonismo, imediatismo, individualismo, entre outros.

Com a globalização econômica e difusão de uma cultura de massa, são os adolescentes e jovens em fase de formação que recebem as influências do meio. Assim, tem acesso a informações variadas de abrangência mundial, a produções midiáticas que criam uma realidade virtual que se confunde com o mundo real (NEVES. In: SCHMIDT e CAINELLI, 1999). Além disso, vivenciam formas rápidas e superficiais de comunicação nas redes sociais que colaboram para o isolamento dos mesmos nos espaços de convivência, dentre esses, o espaço escolar.

Por isso, conduzir o processo de ensino e aprendizagem constitui-se uma tarefa desafiadora nos dias de hoje, trazendo novas exigências ao papel do professor atuante e a necessidade de investimentos na sua formação continuada e, em especial, aos cursos de licenciatura, responsáveis pela formação inicial desse profissional da educação.

No caso específico, na área de História e seu ensino, tem como um de seus principais objetivos contribuir na constituição de identidades do aluno, por meio de uma formação política e intelectual, possibilitando uma formação para uma cidadania social.

Assim, a finalidade de uma *formação política* atribuída ao ensino de História está articulada a outra significativa finalidade: a da

¹ Professora Doutora atuante na área de Estágio Curricular Supervisionado, coordenadora do subprojeto de História do PIBID/UEPG 2014-2015.

formação intelectual. A formação intelectual pelo ensino da disciplina ocorre por intermédio de um compromisso de criação de instrumentos cognitivos para o desenvolvimento de um ‘pensamento crítico’, o qual se constitui pelo desenvolvimento da capacidade de *observar e descrever, estabelecer relações entre presente – passado - presente, fazer comparações e identificar semelhanças e diferenças* entre a diversidade de acontecimentos no presente e no passado. [...] (BITTENCOURT, 2004, p. 122).

Portanto, para proporcionar o desenvolvimento de um pensamento crítico do aluno, cabe ao professor de História buscar instrumentos cognitivos que viabilizem tal processo, pelo exercício das diferentes ações propostas pela autora.

Nesse sentido, o professor mobiliza seus saberes de ordem pessoal oriundos de sua formação social com valores éticos e morais e, de ordem profissional advindos de sua formação inicial e da prática docente. Como afirma Monteiro [...] os professores mobilizam os saberes que dominam para explicar os diferentes temas dos conteúdos, estabelecer relações de causalidade, esclarecer dúvidas, selecionar exemplos, analogias, realizar demonstrações [...] (2007, p. 25).

Quanto aos saberes profissionais, esses são construídos inicialmente no curso de graduação, momento privilegiado de formação. Nesse aspecto se ressalta a importância da qualidade dos cursos de licenciaturas, para que ofereçam ao futuro docente um ferramental (histórico-historiográfico e pedagógico) que lhe dê condições de, estabelecendo relações entre teoria e prática, conhecimento cultural e científico, dando-se o processo de construção da práxis docente.

Na perspectiva apresentada por Vasquez, de que a práxis é uma “[...] categoria central da filosofia que se concebe ela mesma não só como interpretação do mundo, mas também como guia de sua transformação[...].” (1997 p. 5). Assim sendo,

[...] a práxis se nos apresenta como uma atividade material, transformadora e ajustada a objetivos. Fora dela, fica a atividade teórica que não se materializa [...] e a atividade puramente material, isto é, sem a produção de finalidades e conhecimentos que caracteriza a atividade teórica. [...] determinar o que é a práxis requer delimitar mais profundamente as relações entre teoria e prática (VASQUEZ, 1997, p. 208).

A relação entre teoria e prática é uma das características das disciplinas da área de ensino nas propostas curriculares dos cursos de licenciatura. Na licenciatura em História, da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), a matriz curricular está



organizada em quatro eixos - conhecimento histórico, historiográfico, metodológico e de ensino, visando oferecer ao futuro professor um suporte teórico-metodológico condizente com as atuais concepções historiográficas e pedagógicas, norteadoras do ensino de História.

Nesse sentido, o perfil de formação estabelecido no curso, visa que:

[...] o profissional de História egresso do curso de licenciatura seja dotado de uma postura mais indagativa, dialógica e compreensiva que normativa da escola e da sociedade. Desse modo, em vez de pautar-se em uma lista de condições ideais sem as quais não é exigível nenhum trabalho de qualidade, é capaz de perceber tanto os condicionamentos quanto as possibilidades da educação brasileira, é capaz de abrir-se para percepções do real distintas das que está acostumado e, assim, está constitutivamente aberto a soluções novas que permitam desde a resolução dos problemas pontuais e cotidianos da sala de aula até o engajamento em projetos coletivos de transformação dos sistemas educacionais. [...] (UEPG, 2010, p 25).

Destarte, o profissional com uma postura crítica, ativa e engajada, atende ao perfil do professor-pesquisador. Aquele que tem domínio sobre as formas de produção do conhecimento, próprio do fazer histórico, e a competência metodológica, própria do fazer pedagógico. Isto é, entre outros critérios, tem como base de seu trabalho, a seleção e didatização dos conteúdos, clareza quanto à metodologia de pesquisa histórica e de ensino, estratégias, materiais e recursos didáticos adequados ao ensino junto ao público escolar.

Aspectos reconhecidos em nível de reflexão teórica durante o curso de graduação, vivenciados na prática cotidiana do professor. A vivência possibilita ao docente refletir sobre a prática, avaliando sua atuação quanto às concepções norteadoras e os procedimentos adotados frente à aprendizagem, interesse de seus alunos. Dessa forma, o professor assume uma postura investigativa sobre o seu fazer docente.

Nessa perspectiva, a de formar o professor-pesquisador, está a disciplina de Estágio Curricular Supervisionado de História, desenvolvida no 3º e 4º ano do curso de licenciatura, na UEPG, que entre outros objetivos, visa:

- Analisar a ação docente do educador (professor de História) como agente participante e um dos responsáveis no processo de transformação e aperfeiçoamento da sociedade brasileira. [...]
- Avaliar o desenvolvimento de experiências pedagógicas, de forma cooperativa entre professor orientador, acadêmicos-estagiários e os docentes da educação básica contribuindo para a formação inicial e a formação em serviço do professor atuante no ensino de História. [...]. (UEPG, 2013, p. 01)

Nota-se que tais objetivos estão em consonância com a proposta pedagógica do curso, quanto ao perfil do profissional a ser formado, no que diz respeito à análise da ação docente no processo de transformação da sociedade. Para tanto, o exercício de um olhar crítico sobre suas experiências didáticas pré-profissionais contribui para o desenvolvimento de uma postura investigativa e reflexiva sobre a prática, o que resultará numa ação transformadora e, na conseqüente construção da práxis docente.

As atividades de estágio curricular supervisionado de História preveem três momentos do ciclo docente: planejamento, execução e avaliação. Na realização de cada atividade proposta na disciplina são realizadas avaliações parciais e finais. Reconhece-se que tais avaliações possibilitam aos acadêmicos-estagiários a percepção dos principais aspectos de suas experiências didáticas. As quais tem início com a investigação inicial sobre o Projeto Político Pedagógico (PPP), e sobre o ensino de História na análise dos Programas de Trabalho Docente (PTD) para posterior inserção no cotidiano da sala de aula.

No reconhecimento do contexto escolar, os futuros professores adentram a sala de aula e, atendendo as etapas previstas, realizam primeiramente a observação das aulas de História para conhecer o público escolar, tomar contato com a condução docente, a dinâmica, entre outros aspectos; após os primeiros contatos, os acadêmicos-estagiários desenvolvem algumas atividades sob a orientação do professor da turma, esta é a etapa da participação que consiste em fazer pequenas inserções na aula, com apresentação de textos complementares, orientação de atividades, atendimento aos grupos de trabalho, entre outras, de acordo com a solicitação do professor regente.

As duas primeiras etapas são de preparação para a culminância do estágio - a direção de classe, com o trabalho de uma unidade didática, dos conteúdos curriculares previstos, planejada, executada e avaliada. Além da avaliação imediata pelo professor orientador, o acadêmico-estagiário faz uma auto-avaliação sobre a experiência, quanto à

sua postura didático-pedagógica, concepções historiográficas e abordagem dos conteúdos, metodologia e estratégias didáticas adotadas e, sobre o instrumento de avaliação e a resolução do mesmo pelos alunos, entre outros.

Considera-se esse exercício essencial para o futuro profissional identificar aspectos positivos, aspectos a melhorar e sugestões para o aprimoramento de sua prática. Nesse movimento se dá a construção de saberes docentes, como comenta Monteiro,

[...] mas os saberes na sua construção escolar, a partir de finalidade educativa e na dimensão da prática [...] é o reconhecimento da especificidade do campo educacional, que produz saberes próprios embora mantendo um diálogo ativo com o conhecimento científico e com outros saberes considerando a atuação e os saberes dos professores em sua mediação. [...] (2007, p.26).

Assim, ao registrar suas impressões em fichas de auto-avaliação e/ou apontá-las como objeto para discussão em seminários específicos de avaliação, os futuros docentes estabeleceram relações entre a teoria – expressa nas reflexões teóricas do curso e a prática – das experiências didáticas desenvolvidas no campo educacional.

Dessa forma, exercitaram a investigação e reflexão sobre suas primeiras experiências do fazer docente, possibilitando a formação do professor-pesquisador, rompendo com o paradigma de formação aplicacionista a favor de uma epistemologia da prática, entendida na perspectiva apresentada por Tardif (FONSECA, 2004, p. 71), como uma possibilidade de:

[...] revelar esses saberes, compreender como são integrados concretamente nas tarefas dos profissionais e como estes (os professores) os incorporam, produzem, utilizam, aplicam e transformam em função dos limites e dos recursos inerentes às suas atividades de trabalho. [...] (2000, p.11)

Por isso, buscou-se, na relação dos futuros professores com o campo educacional, perceber como fazem a integração de seus saberes nas atividades de estágio e, como revelam os saberes construídos nas suas primeiras experiências no espaço escolar. Desse modo, apresenta-se os resultados de pesquisa realizada, com uma turma de 3º ano do curso de licenciatura em História (2013) com relação à atividade de estágio de docência no ensino fundamental (6º a 9º ano). Para além da avaliação do

professor orientador de estágio, a experiência contou com a auto-avaliação dos acadêmicos-estagiários, nos seguintes aspectos:- observação, participação e direção de classe (planejamento, execução, avaliação) (UEPG, 2013-b).

De um universo de 14 acadêmicos que compunham a referida turma, 10 participaram desta pesquisa, pois dois desistiram nos meados do ano letivo e, dois acadêmicos ficaram retidos por não concluírem as atividades de estágio. Os dados apresentados demonstram a percepção dos acadêmicos sobre sua experiência, por meio de um questionário individual, composto por nove questões abertas (UEPG, 2013-b).

A atividade de estágio de docência no ensino fundamental, está prevista no programa da disciplina de Estágio Curricular Supervisionado de História I, na unidade denominada,

Experienciando o ensino de História nas séries finais do Ensino Fundamental (44 horas/aulas)

- Planejamento e execução de experiências didáticas: ensino fundamental. Inserção no cotidiano escolar: (planejamento/execução/avaliação)
- observação – 16 horas-aulas – 6º, 7º, 8º e 9º anos do ensino fundamental
 - 02 horas-aulas (EJA - ensino fundamental)
 - 02 horas-aulas (educação inclusiva – turma com professor intérprete.
- participação – 10 horas-aulas (1 turma escolhida – ensino regular)
- planejamento e avaliação: 07 horas-aulas
- direção – 07 horas-aulas (ou 1 unidade do conteúdo) 1 aula para avaliação do conteúdo trabalhado.(UEPG, 2013-a, p. 03)

No que diz respeito às 20 horas de observação realizadas nas aulas de História, todos os participantes reconheceram a sua validade e salientaram alguns aspectos, como:- importância do primeiro contato com o ambiente escolar; reconhecimento do campo de futura atuação com olhar de professor; contato com o público escolar de diferentes faixas etárias e com diversas maneiras de ensinar e aprender e; a percepção dos diferentes encaminhamentos dados pelo professor de História.

Nessas colocações, os acadêmicos-estagiários trouxeram elementos que contribuíram para o início da construção de saberes próprios do espaço escolar, os quais são viabilizados pela relação teoria e prática. O que nota-se na importância dada ao contato com escola e com o público escolar em suas características próprias. Pois, esse campo de sua futura atuação, até então era desconhecido, muitas vezes idealizado, ou até subjugado nas reflexões teóricas oferecidas no curso. Assim, os acadêmicos



punderam aprimorar sua visão, o que contribuiu para uma experiência docente, mais adequada às especificidades escolares.

Com relação às 10 horas de participação nas aulas, do ano escolar e turma escolhida sob a orientação e supervisão do professor de História, os sujeitos desta pesquisa foram questionados sobre as atividades desenvolvidas que mais contribuíram para sua formação e as devidas razões e, as que menos contribuíram apontando os motivos da irrelevância.

Em unanimidade, os acadêmicos afirmaram que a participação nas aulas de História foi positiva por contribuir no seu processo de formação. Destacaram questões como: fazer a chamada, participar na exposição do professor, auxiliar na orientação dos trabalhos em grupos como:- debates, estudos e apresentação de determinado assunto, construção de maquetes, entre outros. Desse modo, ressaltaram que tiveram oportunidade de apresentar elementos para a reflexão dos alunos sobre determinados temas atuais relacionando-os com os conteúdos históricos.

Quanto aos aspectos que menos contribuíram, apenas uma acadêmica comentou sobre a forma como a professora da turma solicitava sua participação, fazendo perguntas surpresas, o que lhe gerou insegurança, pois temia não ter um conhecimento e posicionamento claro a fazer diante da turma, o que poderia lhe causar, de antemão, um descrédito pelos alunos.

Nota-se, que o futuro professor ao ter oportunidade de atuar junto com o professor de História, reconhece a necessidade de preparo quanto ao conhecimento específico e ao didático, valorizando as oportunidades oferecidas pelo professor. Também demonstram reconhecer a importância do papel e da imagem do professor, ao comentar sobre a insegurança gerada pela possível falta de conhecimento. São elementos da epistemologia da prática (TARDIF, 2000) que começam a germinar nas experiências de estágio supervisionado.

Sobre a direção de classe, como ponto culminante da experiência, os acadêmicos foram questionados sobre:- planejamento, execução e avaliação. Quanto ao planejamento, todos afirmaram tê-lo feito com antecedência, conforme o conteúdo/unidade didática determinada pelo professor da turma. Com relação ao conteúdo, somente um participante afirmou ter refletido sobre a abordagem historiográfica que daria ao assunto.

Para a organização do conteúdo, alguns comentaram sobre a pesquisa feita em livros paradidáticos e acadêmicos e pesquisa via internet. Para tanto, os acadêmicos foram alertados sobre a confiabilidade dos sites, dos textos e materiais disponíveis.

Dentre os depoentes, apenas um afirmou ter se preocupado com os encaminhamentos metodológicos das aulas e, outro comentou sobre a pesquisa sobre temas atuais para estabelecer relação com o conteúdo e tornar as aulas mais interessantes aos alunos.

Mas, todos asseveraram ter pesquisado o assunto em livros didáticos, o que se considera um aspecto necessário, pois esse material auxilia na organização didática do conteúdo. Mas ressalta-se que não pode ser a única fonte de consulta e, que na sua utilização, segundo Schmidt e Cainelli, é preciso levar em conta que,

As questões relacionadas com a popularização do saber histórico pelos livros didáticos implicam, de maneira explícita, que o professor tenha familiaridade com a produção historiográfica atualizada e clareza nos pressupostos teóricos e metodológicos da História e, também em seus problemas e objetos. [...]. (2010, p. 172)

Assim, nesse momento de planejamento, o acadêmico-estagiário tem oportunidade de estabelecer uma relação entre teoria e prática, pois da clareza sobre os pressupostos teóricos e metodológicos da História é que poderão estabelecer a abordagem do conhecimento histórico para o ensino. O suporte teórico estudado no curso deve nortear a abordagem dos conteúdos históricos.

Todos os participantes reconheceram a importância do planejamento. Um deles apontou-o como alicerce para o trabalho didático, outro que o planejamento lhe possibilitou segurança para ministrar as aulas e, outros ainda, destacaram a possibilidade de administração do tempo e organização da aula. Apenas, uma acadêmica asseverou que em seu planejamento preocupou-se mais com o conteúdo, e que ao desenvolvê-lo encontrou dificuldades, percebendo então que é um roteiro essencial, norteador da aula. Questão que foi reafirmada por outro acadêmico, no comentário de que o planejamento contribuiu para sua clareza sobre todas as atividades que seriam desenvolvidas durante a aula.

Percebe-se que os futuros professores reconheceram a importância do planejamento do trabalho didático, nos aspectos da organização do tempo e das atividades previstas para a aula, como salienta Fonseca, que o “[...] professor de História

é alguém que domina não apenas os mecanismos de produção do conhecimento histórico, mas um conjunto de saberes, competências e habilidades que possibilitam o exercício profissional da docência. [...] (2004, p. 62)

Quando inquiridos sobre a execução responderam sobre os três momentos da aula – introdução- desenvolvimento e síntese integradora; se houveram mudanças em suas aulas frente ao planejamento e como agiram; cumprimento dos objetivos e; como perceberam em sua experiência, alguns aspectos da prática diária do professor, como: relação professor-aluno, atenção à exposição docente, realização das atividades propostas e aproveitamento.

Nas respostas dadas à questão dos três momentos todos demonstraram clareza sobre os mesmos na organização e resultados obtidos em cada aula. O que se nota nas palavras de uma depoente, ao ser questionada sobre a introdução, desenvolvimento e a síntese integradora, afirma que na maioria de suas aulas conseguiu, pois esses momentos servem para trazer o aluno ao conteúdo, desenvolvê-lo com ele e por fim, ver o que este conseguiu aprender [...]”.(Acadêmica C).

Outro acadêmico ratificou essa importância, ao comentar que esses momentos ajudam a instigar a curiosidade dos alunos, estimulam o debate, promovem a produção (construção) do conhecimento e, através da síntese observamos se alcançamos os objetivos propostos.(Acadêmico A).

Por conseguinte, dois participantes alegaram que o tempo de uma aula é curto, que houve dificuldade de organização, por isso não conseguiram fazer a síntese integradora em todas aulas, o que consideraram prejudicial ao trabalho didático, apontando que diante dessa questão, seus planejamentos precisaram ser revisto para as aulas seguintes.

Na continuidade os acadêmicos-estagiários comentaram sobre as mudanças ocorridas nas aulas, em relação ao planejamento inicial. Apenas um participante afirmou ter conseguido cumprir o planejamento sem alterações. Os demais, apresentaram as mudanças feitas e os procedimentos adotados durante as aulas.

Dois acadêmicos assinalaram que sobrou tempo na aula e, então recorreram à leitura do texto correspondente ao conteúdo, no livro didático. Um participante apontou um problema técnico com equipamento de vídeo e, por isso inverteu a sequência prevista, fez uma exposição dialogada sobre o assunto e utilizou o vídeo para a síntese da aula. Outro acadêmico, comentou que ao perceber o cansaço dos alunos à exposição

didática longa, pois ministrava aulas geminadas, procedeu de forma diferente, introduziu o vídeo previsto para o final da aula e, fez uma exposição dialogada sobre o conteúdo a partir do vídeo e com a participação dos alunos.

Nota-se que, novamente o arcabouço teórico-metodológico em construção no curso, ofereceu elementos para que os acadêmicos-estagiários pudessem perceber as questões prejudiciais à situação de ensino e, revertê-las, fazendo alterações em seu planejamento para favorecer a aprendizagem dos alunos sobre o assunto em estudo. Pelas atitudes tomadas e as mudanças relatadas, pode-se inferir que os acadêmicos, pela relação teoria e prática, buscaram mudanças para atingir os objetivos propostos.

Ao serem questionados sobre o cumprimento dos objetivos específicos de cada aula e quais os mecanismos de verificação utilizados, todos comentaram que esses foram alcançados em partes e que os mecanismos utilizados foram a participação dos alunos durante a aula, respostas dadas às questões no momento da síntese integradora, resolução das atividades realizadas em aula.

Nesta análise da auto-avaliação dos acadêmicos-estagiários observa-se pelas colocações feitas, que houve uma aprendizagem dos futuros professores com relação a organização do trabalho didático no cotidiano docente. Os participantes reconheceram a importância do planejamento e dos momentos da aula, na perspectiva apontada por Schmidt de que,

A aula de História é o momento em que, ciente do conhecimento que possui, o professor pode oferecer a seu aluno a apropriação do conhecimento histórico existente [...] A sala de aula não é apenas um espaço onde se transmite informações, mas onde uma relação de interlocutores constroem sentidos.[...]. (SCHMIDT, In: BITTENCOURT, 1997, p. 57).

Reconhecendo o momento da aula como espaço de relação de interlocutores e construção de sentidos sobre o conhecimento histórico, objetivando contribuir na constituição de identidades do aluno, cabe ao professor estabelecer uma relação favorável à construção de conhecimento pelos alunos. Por isso, os participantes desta pesquisa foram questionados sobre relação professor-aluno; atenção dos alunos à exposição do professor; realização das atividades propostas e aproveitamento da aula.

Sobre a relação professor – aluno, a maioria comentou que houve um bom relacionamento, respeitoso de ambas as partes e, somente um depoente acrescentou que

os alunos eram muito passivos. Como futuros professores demonstraram algumas inquietações como:- conquistar a turma, usar uma linguagem mais coloquial, fazer algumas brincadeiras, promovendo uma aproximação dos alunos, como disse uma depoente “[...] procurei estabelecer uma relação mais horizontal. [...]” (Acadêmica F). E, apenas um acadêmico comentou sobre a falta de respeito e indisciplina dos alunos, mesmos diante da presença do professor da turma.

Pela sensibilidade que demonstraram no quesito relação professor –a aluno nota-se que, como futuros professores, já investem e reconhecem-na como um quesito importante para o ensino. Os depoentes discorreram também sobre os demais aspectos relacionados à questão, entre esses, quanto à atenção dos alunos, realização de atividades e aproveitamento da aula, trazendo elementos importantes de suas constatações.

Ao revelar questões sobre os alunos frente a sua condução nas aulas, os participantes levantaram pontos para reflexão sobre a prática de sala de aula e ofereceram contribuições no processo de formação docente. O que se percebe nas observações feitas pelos acadêmicos quanto à atenção dos alunos e a correspondência à proposição de atividades durante suas aulas.

Três acadêmicos apresentaram aspectos mais positivos, como o de que os alunos permaneceram atentos à exposição e a maior parte da turma realizaram as atividades propostas. (Acadêmico 7). Outra acadêmica comentou que eles se desconcentram rápido e que tem que participar aula. (Acadêmica F). Outra estagiária também revelou como percebeu a turma, que teve atenção à exposição foi relativamente boa, mas a atividade proposta não foi realizada pelos alunos.

Enquanto os demais depoentes ressaltam aspectos mais negativos, como: elevado nível de desinteresse dos alunos, sendo necessário encontrar maneiras de atraí-los; os alunos não prestam atenção, conversam o tempo todo, não estão acostumados a ler e não resolveram as atividades propostas, ou ainda, justificando que o assunto não era atraente para os alunos por isso ficavam dispersos, ou ainda, que talvez não prestaram atenção e apenas 65% da turma fez as atividades, pelo fato do ministrante ser um estagiário.

Tanto aspectos positivos como negativos percebidos pelos acadêmicos-estagiários revelam um posicionamento crítico sobre suas primeiras experiências, o qual será alimentado pelas reflexões teóricas no curso e novas experiências práticas



realizadas posteriormente, indicando possibilidades de construção de uma práxis docente.

Dessa forma, nas situações avaliativas vivenciadas na graduação, os futuros professores iniciam um exercício que será constante em sua vida profissional, na construção de sua práxis. E, os registros feitos servem às pesquisas que venham contribuir para a atualização da proposta da área de ensino e de estágio curricular supervisionado na formação inicial de professores, área reconhecida como eixo central nos cursos de licenciatura.

Referências:

- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. São Paulo:SP, Cortez, 2004.
- FONSECA, Selva Guimarães. **Didática e prática de ensino de História**. Campinas:SP, Papyrus, 2004.
- MONTEIRO, Ana Maria Ferreira da Costa. **Professores de história: entre saberes e práticas**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.
- SCHMIDT, Maria Auxiliadora. A formação do professor de História e o cotidiano da sala de aula. In: BITTENCOURT, Circe. (org.). **O saber histórico na sala de aula**. São Paulo:SP, Contexto, 1997.
- SCHMIDT, Maria auxiliadora. CAINELLI, Marlene. **Ensinar história**. São Paulo:SP, Scipioni, 2010. (Coleção Pensamento e ação na sala de aula).
- TARDIF, Maurice. Saberes profissionais dos professores e conhecimentos universitários: elementos para uma epistemologia da prática profissional dos professores e suas consequências em relação à formação para o magistério. In: **Revista Brasileira de Educação**. n. 13. Jan/Fev/Mar/Abr 2000.
- UEPG. PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO. DIVISÃO DE ENSINO. **Projeto pedagógico: curso de licenciatura em História**. Ponta Grossa: UEPG, 2012
- UEPG. PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO. DIVISÃO DE ENSINO. **Programa de disciplina : estágio curricular supervisionado I**. Ponta Grossa: UEPG, 2013
- UEPG. PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO. DIVISÃO DE ENSINO. **Programa de disciplina : estágio curricular supervisionado II**. Ponta Grossa: UEPG, 2014
- UEPG. SECIHLA. DEMET. ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO I. **Questionário de auto-avaliação de estágio de docência no ensino fundamental**. Ponta Grossa:UEPG, 2013-b.
- UEPG. SECIHLA. DEMET. ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO I. **Questionário de auto-avaliação de estágio de docência no ensino médio**. Ponta Grossa: UEPG, 2014-b.
- UEPG. SECIHLA.DEMET. ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO I. **Questionário de auto-avaliação de estágio de docência na educação de jovens e adultos**. Ponta Grossa:UEPG, 2014-c.
- VAZQUEZ, A. S. Filosofia da práxis. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.